



RenEU
NEW RENAISSANCE
IN EUROPE

Mosteiro da Serra do Pilar

Uma Janela sobre a Europa

Promovido por:



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

CULTURA
DO NORTE

setepés

Financiado por:



Education and Culture

O PROJETO

RENEU: NEW RENAISSANCE IN EUROPE

O que é que Erasmo de Roterdão diria sobre a vida atual na Europa?

Qual seria a análise de Maquiavel do desempenho político dos líderes europeus?

E, no seu caso, como lhes explicaria a forma como vivemos hoje na Europa, em termos de valores do Renascimento?

A utilidade do Renascimento e dos seus valores para a análise e debate atuais sobre a Europa contemporânea, é a questão central que o projeto “RenEU: New Renaissance in Europe” procura responder.

“RenEU: New Renaissance in Europe” é um projeto promovido pela Região da Toscana (Itália) em parceria com quatro outras organizações – Patronato de Alhambra y Generalife (Espanha), Mission Val de Loire (França), SETEPÉS (Portugal) e Associação Villa Decius (Polónia).

O projeto tem como objetivo reestruturar o debate sobre o período do Renascimento, realçando a sua natureza europeia e reinterpretando o seu papel e importância no desenvolvimento de conceitos-chave que caracterizam a nossa cultura e encorajam uma reflexão por toda a Europa sobre a emergência de uma era de um Novo Renascimento - um processo cultural que envolve todo o continente. Para esta finalidade, algumas palavras-chave foram identificadas na fase preparatória da proposta, na forma de dicotomias que acompanharam a história do nosso continente através dos séculos. Algumas destas dicotomias, representando elementos filosóficos, religiosos e artísticos da cultura do Humanismo Renascentista, são: Razão - Imaginação, Identidade - Diversidade, Estado-nação - Cosmopolitismo, Harmonia - Conflito, Inovação - Estagnação, Migração - Permanência e Centro - Periferia. As atividades do RenEU: New Renaissance in Europe começaram a partir desta perspetiva para analisar as ligações entre o Humanismo Renascentista e a Europa dos dias de hoje. Para o fazer, e como parte deste projeto, estas organizações conceberam cinco itinerários culturais - passeios e visitas de espaços físicos reais e através de caminhos, espaços e vidas que marcaram o período do Renascimento e contribuíram para a sua importância e escala, criando um único itinerário europeu, baseado em elos e temas comuns.

Todas estas ligações e caminhos destinam-se a tornar os cidadãos europeus cientes da nossa consciência histórica comum, com o objetivo de fortalecer uma consciencialização do futuro. Isto é, na verdade, o objetivo derradeiro deste projeto, baseado num dos períodos da história europeia que mais contribuiu para a consolidação de valores, personalidades e eventos comuns a todos os países europeus.

O RenEU permitirá que um público mais vasto usufrua destes percursos culturais a partir de uma nova perspetiva, integrada num único itinerário europeu.

O ITINERÁRIO

PORQUÊ UM NOVO RENASCIMENTO NA EUROPA?

O termo “Renascimento” foi criado por humanistas italianos, embora seja associado principalmente apenas a um revitalização da literatura e das artes devido à redescoberta e recuperação da Antiguidade Clássica. Contudo, gradualmente ao longo dos séculos, esta definição estrita tornou-se demasiado limitada, especialmente para a historiografia do período romântico. Assim, o termo “Renascimento” ganhou um novo significado: uma dimensão mais ampla e bastante merecida que teve em conta a sua duração e escala continental.

Houve outro período histórico que testemunhou tal evolução partilhada na Europa para um maior humanismo e conhecimento científico, bem como maior consciência estética?

Como parte de uma história total, as proporções interdisciplinares efetivas e continentais e consequências do Renascimento, formaram a base das fundações psicológicas, culturais e físicas que permitiram à Europa progredir. Através de caminhos complexos, marcados por contradições e afirmações, reveses e progresso, o Renascimento deu um extraordinário salto para o futuro. No entanto, o Renascimento foi um período histórico marcado não só pelo pensamento racional, mas igualmente fortalecido através da imaginação, sonhos e a ideia da utopia.

Assim, propomos que hoje, numa época em que estamos a perder as nossas identidades como europeus, devemos mais uma vez basear a nossa sociedade na ciência, conhecimento e artes. Vamos celebrar a nossa herança cultural. Vamos refletir sobre ela. Mas não só refletir. Vamos sonhar, aspirar. Enquanto existirem sonhos e aspirações, a Europa permanecerá viva.

MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR

UMA JANELA SOBRE A EUROPA

O itinerário, “Mosteiro da Serra do Pilar: Uma janela sobre a Europa”, é o resultado de uma parceria entre a SETEPÉS, como a promotora do projeto “RenEU: New Renaissance in Europe” em Portugal e a Direção Regional da Cultura do Norte (DRCN).

O Mosteiro da Serra do Pilar foi o local escolhido para acolher o itinerário português desenvolvido neste projeto, devido às suas características renascentistas únicas na região e, mesmo, em todo o país e Europa.

Combinando na sua génese um conjunto de ideias e práticas arquitetónicas, religiosas e filosóficas, o mosteiro, como muitos outros edifícios anteriores e contemporâneos, foi concebido para ser um “imago mundi” - uma representação do cosmos, um lugar onde o céu e a terra se fundem - uma janela do mundo com vista para o próprio mundo.

O Mosteiro da Serra do Pilar é, por conseguinte, um local privilegiado, porque permite-lhe ver as duas margens do rio Douro e uma grande parte do seu património, e também expande os nossos horizontes.

Assim, no Mosteiro da Serra do Pilar, não é possível apenas estudar o período do Renascimento, tem de o trazer à superfície e revivê-lo através da reflexão e da imaginação. Contudo, podemos ansiar por outros tempos, mas decididamente nunca deixamos o nosso próprio tempo. Por isso, aproveitemos. Na janela do mundo, a vista é verdadeiramente europeia.

POR UM NOVO RENASCIMENTO NA EUROPA...NÃO O ESTUDE APENAS, REVIVA-O

MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR COMO PORTA DE ENTRADA PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL DA REGIÃO NORTE

por Elvira Rebelo

O Mosteiro da Serra do Pilar participa e contribui para este itinerário cultural europeu, antes de tudo, a partir da sua singularidade enquanto edifício genuinamente renascentista, mas também a partir da sua mais recente vocação (um verdadeiro chamamento - do latim vocar...). Com efeito, em dezembro de 2012, as portas do Mosteiro da Serra do Pilar abriram-se para acolher o espaço Património a Norte, uma aposta da DRCNorte, que deste modo pretendeu propor o Mosteiro da Serra do Pilar como porta de entrada para o património cultural da Região Norte e, muito particularmente, para os patrimónios mundiais (desta região): os centros históricos de Porto e Guimarães, o Douro Vinhateiro e o Vale do Côa, este considerado “o mais importante sítio com arte rupestre paleolítica do ar livre”.

Para o projeto RenEU, O Mosteiro da Serra do Pilar - uma janela para a Europa configura um itinerário - que também podemos dizer narrativa - paradoxal uma vez que é a partir de uma clausura que se abre, melhor, que se escancara, uma janela para a Europa.

Da Crónica do Mosteiro de São Salvador de Grijó (1634)

D. Marco da Cruz

“Junto à mesma Villa Nova está o mosteiro da Serra... por cujo respeito fica o sitio mui to aprazível, gozando os religiosos dele de alegre vista, que lhe dá a cidade do Porto, e tudo o que nela entra pelo rio Douro... De muitas partes deste mosteiro se esta vendo o mar, e os montes, que com sua variedade... não deixa de aliviar os ânimos dos religiosos, que no mosteiro vivem em perpetua clausura.”

Se quem tem passado tem futuro, a Europa tem um futuro e as ideias-conceitos-valores-âncora deste futuro, herdados do Renascimento, podem ser visionadas a partir da janela que é o Mosteiro da Serra do Pilar.

Consideremos pois, por um lado, as palavras-chave do projeto RenEU - elas traduzem ideias, definem conceitos, convocam valores; por outro, tenhamos presente o monte de São Nicolau na Serra de Quebrantões em Vila Nova e o seu Mosteiro; sem esquecer a Europa que somos (ou não somos) e aquela que queremos vir a ser (ou não). Lembremos que a proposição deste projeto é que o caminho para a Europa assenta num itinerário cultural. Mais, que este itinerário se alicerça, em grande medida, na herança do humanismo Renascentista / cultura humanista do Renascimento.

Neste contexto, não será despropósito convocar Benedetto Croce e, com ele, o princípio historiográfico por ele proposto segundo o qual toda verdadeira história é história contemporânea. O itinerário do Mosteiro da Serra do Pilar propõe uma narrativa edificada a partir da ideia da re-definição do mundo e do lugar do homem nesse mesmo mundo - ideia central ao humanismo renascentista.

Começemos.

A voo de pássaro sobre o espaço e o tempo, podemos ver o mosteiro que se destaca como uma afirmação de poder.

O cabeço do monte de São Nicolau na Serra de Quebrantões em Vila Nova onde se implanta é uma varanda sobre o Douro e a cidade do Porto. Trata-se de um local panótico e destacado na paisagem, a partir do qual as relações físicas do mosteiro com a cidade extravasam o âmbito local da cerca e passam à macroescala do território envolvente.

O Mosteiro de Santo Agostinho da Serra de Vila Nova de Gaia, masculino, E pertencente aos Cónegos Regulares de Santo Agostinho e à Congregação de Santa Cruz de Coimbra, teve várias designações:

Mosteiro do Salvador do Porto (1542, 1553, 1566, 1572);

Mosteiro Novo do Salvador (1559);

Mosteiro do Salvador de Vila Nova (1570);

Mosteiro da Serra (1694, 1737, 1740);

Mosteiro ou Convento de Santo Agostinho da Serra (1720, 1746), ou ainda Santo Agostinho da Serra do Pilar.

Foi fundado na sequência da reforma do Mosteiro do Salvador de Grijó, realizada por Frei Brás de Braga, religioso da Ordem de São Jerónimo, em 1536. Os habitantes religiosos chegaram em 1542, vindos do Mosteiro de Grijó, sendo a igreja consagrada em 1544. Em 1544 o Mosteiro do Salvador do Porto aderiu à reforma da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, passando então a chamar-se Mosteiro de Santo Agostinho da Serra (do Pilar). Foi habitado por Cónegos Regulares de Santo Agostinho até 1832. A 10 de Julho foi abandonado pelos religiosos, elaborados os respetivos autos de inventário, passando os bens para a posse da Fazenda Nacional. Esta varanda sobre o Douro é agora quartel militar, sede da Comunidade (cristã) da Serra do Pilar e cada vez mais, em particular desde 2012, lugar de peregrinação de viajantes - mais comumente designados turistas - vindos da Europa, mas também do continente americano e da Ásia. A voo de pássaro, a partir desta varanda sobre

o Douro, vemos pontes, muitas pontes, uma reais existentes - Maria Pia, Luiz I, Arrábida, do Infante, do Freixo - outras reais inexistentes, como é o caso da tragicamente famosa Ponte das Barcas constituída por vinte barcas ligadas por cabos de aço; foi nessa ponte que se deu a tristemente célebre catástrofe da Ponte das Barcas, em que milhares de vítimas pereceram quando fugiam, através da ponte, às cargas de baioneta das tropas da segunda invasão francesa, comandada pelo marechal Soult, em 29 de Março de 1809; mais de quatro mil pessoas morreram; sem esquecer essas outras pontes imaginárias que, a partir deste lugar que se abre para a Europa e o Mundo, re-ligam a inestimável herança clássica com a ressonância das viagens marítimas, essas que deram novos mundos ao mundo, proclamando que o apego à herança do passado não significa exclusão do momento vivido - voltamos a Croce, “toda a história é contemporânea”.

Proseguimos.

A voos de pássaro já não vemos um mosteiro com a sua horta, pomares, pedaço de vinha, terra de pinhal e mato, devesas de castanho e carvalho e terras de pão - tudo em ordem a garantir o princípio da auto-suficiência e da auto-subsistência, conforme preconiza São Bento “Se for possível, deve-se edificar o mosteiro de modo que tenha dentro dos seus muros todo o necessário; isto é: água, moinho, horta e oficinas onde possam exercer-se os diversos ofícios” (Regula Sancti Benedicti, Cap. LXVI). Contudo, conseguimos ainda apreender o espírito da Civitas Dei, legível ainda na organização espacial, em particular na oposição entre o lado do espírito e o do corpo, sugerindo a dicotomia terra-céu e matéria-espírito.

Idealmente, é a partir do claustro, epicentro do espaço monástico, que identificamos as construções que correspondem às funções essenciais: spiritus (igreja), anima (sacristia, sala do capítulo, salas de trabalho intelectual), corpus (cozinha, calefactório, refeitório, latrinas) e o quarto lado do claustro aberto aos conversos (celeiro, dormitório, refeitório, latrinas).

Concluimos, deste modo, que a identidade do espaço mosteiro enquanto Civitas Dei resulta de um diálogo com a diversidade dos seus espaços construídos e abertos; acrescentamos que a identidade do Mosteiro da Serra do Pilar enquanto janela para a Europa convoca outros diálogos. Serão diálogos transversais porque diálogos com a diversidade - pessoas, experiências, conhecimento, práticas, culturas...; e serão, desejavelmente, diálogos orientados por um centro que é a Pessoa.

Entramos.

Entramos pela igreja.

Desde 1974 que a Igreja que está na Serra do Pilar congrega e reúne baptizados, afastados ou não, ou mesmo perdidos da Igreja de Jesus, e homens e mulheres que procuram a Deus de coração sincero. “Comunidade cristã” foi a expressão primeira que a comunidade encontrou para se dizer. Esta Comunidade tem o seu lugar de culto na igreja do antigo Mosteiro de Santo Agostinho da Serra, em Vila Nova de Gaia. Ela é a “aventura Serra do Pilar”, pois se afirma como testemunho do “aggiornamento” ao qual apelou o Papa João XXIII, agora São João XXIII, no âmbito do CVII. A propósito, cremos oportuno convocar as palavras do P.e Arlindo Cunha “Foi aqui, na Serra do Pilar que eu aprendi isto: que é de ruptura em ruptura, de passo em passo, sempre abandonando o conquistado mas permanentemente em atitude de conquista, que se faz o caminho. (...) Sou europeu: e aprendi, aqui na Serra do Pilar, existencialmente, que uma das maiores características desta cultura que é a minha tem sido a de fazer ruptura e mesmo revolução, para, à frente, chegar a uma nova síntese”. P.e Arlindo Cunha in <http://serradopilar.com/apresentacao-da-comunidade/> Diremos pois que o equilíbrio e a ordem deste espaço de igreja - a razão - são existencialmente desafiados pelo espírito da inovação, espécie de seiva que inunda de vida este espaço de “pedra e cal” (igreja vs Igreja).

Um pouco adiante, encontramos-nos com o espaço da sacristia e a sala do capítulo, espaços tradicionalmente colocados do lado do espírito, da alma (alma). De maneiras diferentes, ambos os espaços contêm em si o gérmen da organização, o primeiro do culto e o segundo à organização de todas as dimensões da vida em comum, orientando e ordenando a vida na Cidade de Deus como um Paraíso antecipado já no Paradisum Claustralis palavras de Bernardo de Claraval (Cister). Ambos os espaços são animados pelo exercício do poder, um poder que é serviço - serviço para a glória de Deus na sacristia e, no capítulo, serviço aos homens para que em tudo possam dar glória a Deus.

É verdade que nem só de pão vive o homem... mas também.

Os dormitórios e os espaços a ele associados referem-se à terra, se tivermos presente a oposição entre o lado do espírito e o do corpo, sugerindo a dicotomia terra-céu e matéria-espírito. Nesta linha, por oposição aos movimentos - horizontal ou vertical - dos espaços do espírito, os espaços do corpo sugerem permanência. Numa leitura antropológica, temos particularmente presente que o ato de habitar é um ato primordial e que sem «onde/lugar», não há tempos (individual ou coletivamente falando). Viver é con-viver, pertencer a um grupo o qual

necessariamente, tem os seus lugares e/ou itinerários, uma vez que há sempre um «onde/lugar» para as ocorrências das ações humanas. O «onde» alimenta as raízes do nosso viver, do nosso sentir, da nossa imaginação. Por isso, a permanência também pode conter em si o gérmen da imaginação. Diremos pois que o saber livresco dos humanistas mantém acesa a sua *sapere aude*, e que *curiositas* impulsionará grandes movimentos - a migração de ideias e de pessoas.

A voo de pássaro chegamos à cobertura da igreja. O zimbório que remata a cúpula constitui o símbolo por excelência desta janela para a Europa, a partir da qual nos perguntamos que mudanças, que inovações trouxe e representou a descoberta e o encontro com novas terras e novas gentes, para a cultura humanista do Renascimento. Vê-se melhor a voo de pássaro ou vê-se diferente - um pouco como a águia na iconografia de São João - a grande altitude, vê-se o alcance, o Alfa e o Omega, o Verbo que vivia com Deus e era Deus... (e já não, apenas, o menino nascido em Belém, que cresceu em Nazaré, foi batizado no Jordão, pregou na Galileia, Judeia e Samaria, foi morto em Jerusalém e Ressuscitou). É este o desafio do RenEU - New Renaissance for Europe, contribuir para uma “narrativa que ligue o passado remoto e recente da Europa ao presente e ofereça uma visão para o futuro” - in “O corpo e a mente da Europa - Uma Nova Narrativa para a Europa”.

Regressemos ao claustro, o coração do mosteiro, pois “só se vê bem como o coração” (o essencial é invisível aos olhos), nas palavras de Antoine de Saint-Exupéry neste ano em que se assinala os 50 anos do seu desaparecimento. O claustro principal do Mosteiro da Serra do Pilar, chamado “do Silêncio”, corresponde ao espaço aberto circular anexo à igreja, cujo espaço central foi igualmente ajardinado e possuía, como ainda hoje, a sua fonte central própria. Que seja “do Silêncio” assume a maior relevância, visto que o silêncio é caminho libertador para o encontro. O carisma que envolveu o projeto e o assentamento do Mosteiro da Serra do Pilar radicou-se na procura da total observância da regra monástica, sendo pois de realçar que o monaquismo procura dar resposta a algumas das mais profundas aspirações da alma humana: a busca da perfeição e o desejo da contemplação. Para tal ser possível, é necessária a fuga *mundi* ou *contemptus mundi* para buscar uma união do espírito com Deus e o espaço propício é o mosteiro onde se vive em comunidade, tal como é referido nos Actos dos Apóstolos: “Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum” (Act 2; 45).

O espaço monástico é assim o reflexo de um ideal, de uma visão do mundo, de um sistema de valores que tudo organiza e modela. E a Europa é uma identidade, uma ideia, um ideal - afirma-se na declaração “O corpo e a mente da Europa”. Temos pois de perguntar se a Europa é também uma visão do mundo e um sistema de valores que tudo organiza e modela. Para além de toda a sua carga simbólica o mosteiro é um local funcional onde tudo tem a sua

justificação e se insere no seu lugar pois o mosteiro é um local de habitação dos Homens mas também de Deus. É lugar de razão, mas também de imaginação.

Razão e imaginação que se uniram de forma absolutamente singular e excepcional para construir algumas obras que são expoente da cultura do Renascimento, contributo maior para a música ocidental e mundial e sinal de autêntico cosmopolitismo. Referimo-nos à polifonia renascentista portuguesa, onde pontificam nomes como Duarte Lobo, Pedro de Cristo, Filipe de Magalhães, Manuel Cardoso, entre outros. Música que, podemos crer ou pelo menos imaginar, tenha ecoado por estes espaços. Estas são, aliás, razões de uma ideia - a que motiva a DRCN e promover, já sua 4ª edição, os Espaços da Polifonia, explorando as relações entre a música e a arquitetura, uma vez que houve no passado (e há no presente), obras musicais escritas a partir das mesmas relações numéricas que determinaram as proporções arquitectónicas de edificações eclesiais concretas, tendo em vista a sua execução nesses espaços no momento solene da sua dedicação. Claro está que os Espaços da Polifonia não jogam a carta da demonstração prática destas problemáticas. O seu pressuposto é que uma música que foi criada para o recolhimento dos templos será aí que, ainda hoje, ao recriar-se, encontra o ambiente mais propício a sua plena fruição.

A Europa, afirma-se em “O corpo e a mente da Europa”, “é um estado de espírito construído e fomentado pela sua herança espiritual, filosófica, artística e científica e movido pelos ensinamentos da história. [...]. A Europa é uma fonte de inspiração vinda do passado, uma emancipação no presente e a aspiração a um futuro sustentável. A Europa é uma identidade, uma ideia, um ideal”. Então, nós europeus, vivemos imersos no mais acessível e significativo dos documentos históricos, uma presença envolvente nas nossas vidas que é o ambiente histórico. O ambiente histórico é mais, muito mais, do que (apenas) o substrato material das nossas vidas presentes: ele é fundamental para a nossa identidade, seja ela a nossa identidade individual seja colectiva; o ambiente histórico é um repositório da memória coletiva, gravada em papéis a que chamamos documentos, pedras que denominados, por vezes fósseis, por outras ferramentas, ainda esculturas, está impressa nas calçadas, anfiteatros, capiteis, igrejas...

Apesar da identidade cultural se caracterizar pelo seu carácter sincrónico - aquilo que somos no aqui e agora da nossa existência presente - a sua constituição ocorre na diacronia, na história. Esta, diferentemente da cultura na qual nos movemos, tem de ser reconstruída uma vez que, ela mesma, se encarregou de se desconstruir. Se a história-reconstrução (historiografia) é uma tarefa fundamental é, também, porque aquilo que individual e coletivamente nos faz sujeitos é o facto de possuímos uma história, uma memória e uma biografia.

A Europa precisa de um “Novo Renascimento”, e o reconhecimento do valor do património cultural, tanto material como imaterial, construído ao longo das gerações, através das comunidades e dos territórios, constitui um poderoso instrumento para assegurar o sentimento de pertença entre os cidadãos europeus - afirma a Declaração “O corpo e a mente da Europa”.

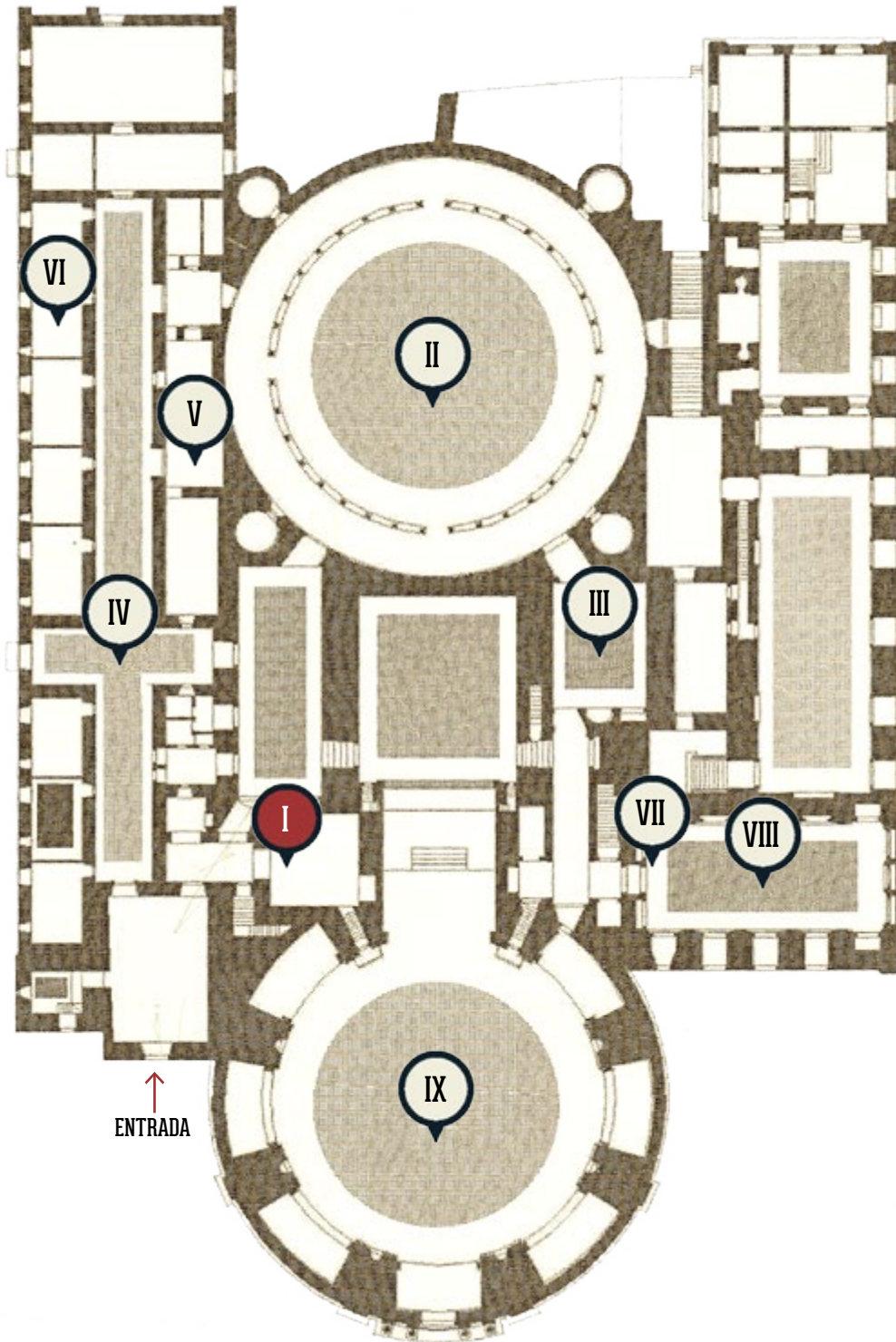
Mais, acrescentamos nós, a salvaguarda do património cultural, material e imaterial, longe de traduzir qualquer um passadismo avesso ao mundo contemporâneo, é caminho, diremos, itinerário, para o desenvolvimento autêntico, ou seja, aquele que tem por fim o aperfeiçoamento da nossa *humanitas*, pois não pode existir desenvolvimento sem a salvaguarda de tudo quanto humaniza o Homem, isto é, o património cultural.

Em conclusão

“O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já.”

SARAMAGO, José - *Viagem a Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1984

O ITINERÁRIO



1. O MOSTEIRO NA REGIÃO NORTE

O período do Renascimento foi marcado por contradições aparentes, mas também por uma relação dialética entre o fortalecimento de uma civilização europeia mais homogênea e a afirmação das nações europeias como entidades políticas de identidade definida e ação autónoma. As Artes, por exemplo, e a arquitetura em particular, foram um dos exemplos mais claros deste diálogo.

No caso de Portugal, todas as suas expressões culturais na época revelaram fortes influências externas, especialmente de Itália.

Contudo, o país recebeu e adaptou estas matrizes culturais e enriqueceu-as com as suas próprias características.

Assim, a cultura e as Artes são exemplos perfeitos desta nova identidade em construção que não foi apenas contida, mas também revelou uma abertura forte e continuada às influências externas.

O Mosteiro da Serra do Pilar é um bom exemplo desta aparente contradição. Apesar das suas diferenças e concretizações entre pares, o mosteiro é um dos poucos monumentos puramente renascentista, em termos dos modelos normativos daquela época na região norte e mesmo a nível nacional.

No vídeo disponível nesta sala, a primeira paragem do nosso itinerário, pode encontrar algum do património e locais da região norte, com particularidades determinadas por épocas, mentalidades e movimentos artísticos diferentes. Por conseguinte, esta primeira visão do Mosteiro da Serra do Pilar é sobre a herança da região norte. Aprecie!



Portaria. Sala exibição filme apresentação dos patrimónios mundiais da região norte

2. A FUNDAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO MOSTEIRO

Parte do Centro Histórico do Porto, Património Mundial da UNESCO desde 1996, o Mosteiro da Serra do Pilar foi fundado em 1537, em resultado da transferência da Comunidade eclesiástica e rural de Grijó – Cónegos Regulares da Ordem de Santo Agostinho – para um local perto do centro urbano do Porto.

Embora a autoria da obra arquitetónica seja desconhecida, existem referências documentais suficientes aos arquitetos Diogo de Castilho e Jean de Rouen, para nos garantir que eles são os autores do projeto arquitetónico para o Mosteiro da Serra do Pilar.

O mosteiro é um espécime raro – senão único no mundo – principalmente porque é uma tradução invulgar da obra do arquiteto italiano e teórico Francesco di Giorgio Martini num edifício monástico.

Além disso, claro, podemos ver não só a influência do ecletismo, mas também a apropriação de valores simbólicos em edifícios renascentistas – o complexo de edifícios do Mosteiro forma um retângulo 7:2, uma proporção que reflete a relação média entre a altura e a largura do corpo humano, prefigurando a perfeição do corpo de Cristo.

A astronomia também desempenhou um papel importante na construção de edifícios daquela época e o Mosteiro da Serra do Pilar não é exceção. O eixo do mosteiro foi desenhado de forma que o nascer do sol no Dia do Salvador, cruza o centro do claustro e da igreja unificando-os e servindo como uma espécie de ligação entre a Terra e o Céu – exemplificando a característica de “*imago mundi*” do mosteiro.



Claustro Fonte



Claustro

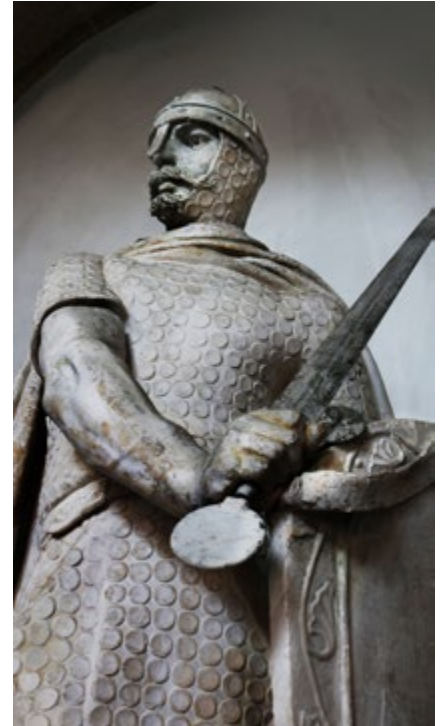
3. O PODER RELIGIOSO NO MOSTEIRO

A Sala do Capítulo era o local onde os monges se reuniam para a leitura das Regras e discussão das questões administrativas do mosteiro. A configuração estranha desta sala é notável, é o resultado de uma ocupação forçada de um espaço deixado vazio depois de o claustro ser transferido pela segunda vez, em 1690 (acredita-se que o claustro foi transferido primeiro em 1590; e ornamentação adicional foi acrescentada em 1692). Manuel do Couto e João Manuel da Maia foram encarregues de executar a obra e eles comprometeram-se em criar as colunas abatidas e talhadas que eram comuns na arquitetura nórdica no final do período Seicento.

A Sala do Capítulo também é marcada pela presença da estátua original de D. Afonso Henriques, feita pelo escultor português Soares dos Reis em 1887, que serviu como modelo para várias outras espalhadas por Portugal. Estes dois pontos realçam a influência da Europa Protestante e do Norte e a revitalização de grandes figuras não religiosas, mostrando-nos algumas das transformações no cristianismo europeu naquela época.

As nações europeias, por exemplo, baseavam-se progressivamente nos princípios da monarquia absoluta e reforçaram-na através da promoção de línguas e símbolos nacionais.

A Sala do Capítulo lidera as nossas reflexões no domínio do Poder. Por isso, é inevitável refletir sobre as alterações na distribuição e natureza do Poder durante o período renascentista. Que impacto tiveram estas alterações nas nações europeias?



Escultura de D. Afonso Henriques.

Acesso à Sala do Capítulo



4. A OCUPAÇÃO DO MOSTEIRO

A atual estrutura do dormitório, constituído por uma fileira dupla de celas separadas por um corredor central, data de 1660. Esta estrutura foi provavelmente reconstruída sobre as fundações do edifício original, existindo desde a fundação do mosteiro.

Foi só no ano de 1542, que o mosteiro foi finalmente ocupado pela Comunidade de Grijó, preenchendo a finalidade essencial da sua construção.

Esta decisão foi executada por Frei Brás de Braga, em 1536, nos termos da reforma do Mosteiro de São Salvador de Grijó. O Monte de São Nicolau, em Vila Nova de Gaia, foi o local escolhido para a implementação do novo mosteiro. A sua localização garantia a proximidade do centro urbano do Porto e permitia o fortalecimento da atividade pastoral da instituição para as populações urbanas, e, ao mesmo tempo, esta localização no outro lado do Douro deu aos cónegos o distanciamento necessário, adequado à vida religiosa.

Finalmente, os cónegos da Comunidade de Grijó mudaram da periferia rural para estarem mais perto do centro urbano do Porto.

Como sabemos, a migração e o movimento de pessoas e populações desempenharam um papel bastante significativo na história do Renascimento e da Europa.

O Renascimento veio fortalecer trajetórias individuais e sociais no continente e mesmo mais além. O movimento de pessoas, mercadorias, conhecimento e instituições continua a marcar a Europa de hoje, mantendo o seu papel vital na vida da Europa contemporânea.



Pormenor de iluminação



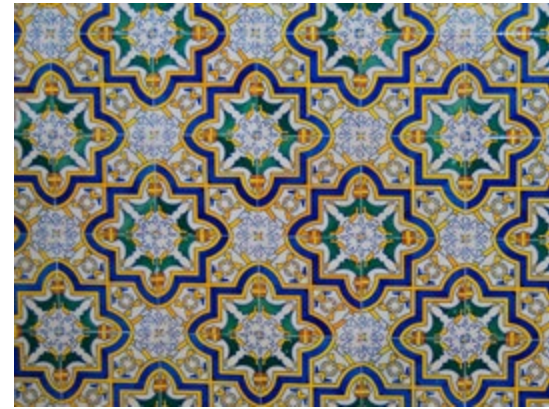
Corredor do dormitório

5. A SEPARAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES DE GRIJÓ E DA SERRA DO PILAR

Em 1564, por decisão do Capítulo Geral, a Comunidade de Grijó foi separada em duas comunidades diferentes – Grijó e Serra do Pilar – mesmo os rendimentos e bens foram divididos. A partir desta divisão, nasceu uma nova ordem: a Comunidade da Serra do Pilar. Os cónegos que ficaram na Comunidade de Grijó regressaram assim ao antigo mosteiro homónimo. Esta nova Comunidade da Serra do Pilar assumiu a responsabilidade pela administração do mosteiro.

No entanto, esta separação não rivaliza em escala as divisões experimentadas no seio do cristianismo europeu, como o Cisma de 1378 e mais tarde, com a publicação das 95 Teses de Martinho Lutero nos inícios do século XVI, a Reforma Protestante. Isto desenvolveu-se a um ritmo desconcertante e já revelara novos canais de comunicação, novas mentalidades e uma grande valorização das línguas nacionais que caracterizaram este período. A Europa tornou-se cada vez mais urbanizada, instruída, dinâmica e secular, em comparação com os séculos anteriores.

Quase inadvertidamente, Lutero despoletou uma fratura no cristianismo com numerosos efeitos que podem ainda ser facilmente observados na Europa atual. Esta fratura, esta tentativa de procurar concordância no acesso ao conhecimento religioso entre o clero e outros grupos sociais, provocou, por sua vez, as Guerras Religiosas, como a Guerra dos Oitenta Anos e a Guerra dos Trinta Anos, conflitos especialmente proeminentes na história europeia. Uma história de um continente claramente edificado sobre o conflito, mas também numa procura constante pela harmonia.



Azulejo

Dormitório. Acesso à cela



6. EDUCAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA VS. EDUCAÇÃO NA VIDA SECULAR

Para além das práticas e rituais litúrgicos, a vida religiosa sempre implicou uma forte componente de estudo. Por conseguinte, as celas individuais dos monges são constituídas por duas divisões: uma área de estudo com uma grande janela virada para a paisagem e uma área mais pequena, com menos luz, para dormir. Contudo, fora das celas dos mosteiros, podiam encontrar-se novas ideias, que recuperavam o conhecimento da Antiguidade Clássica e, em simultâneo, desafiavam fervorosamente figuras históricas como Aristóteles, ao mesmo tempo que melhoravam a compreensão de outras figuras históricas como Platão para outro nível.

A ciência, a experimentação e o humanismo dominavam o pensamento da época, provocando um grande aumento em novas invenções e a afirmação do individualismo. As crianças começaram a ser reconhecidas como indivíduos.

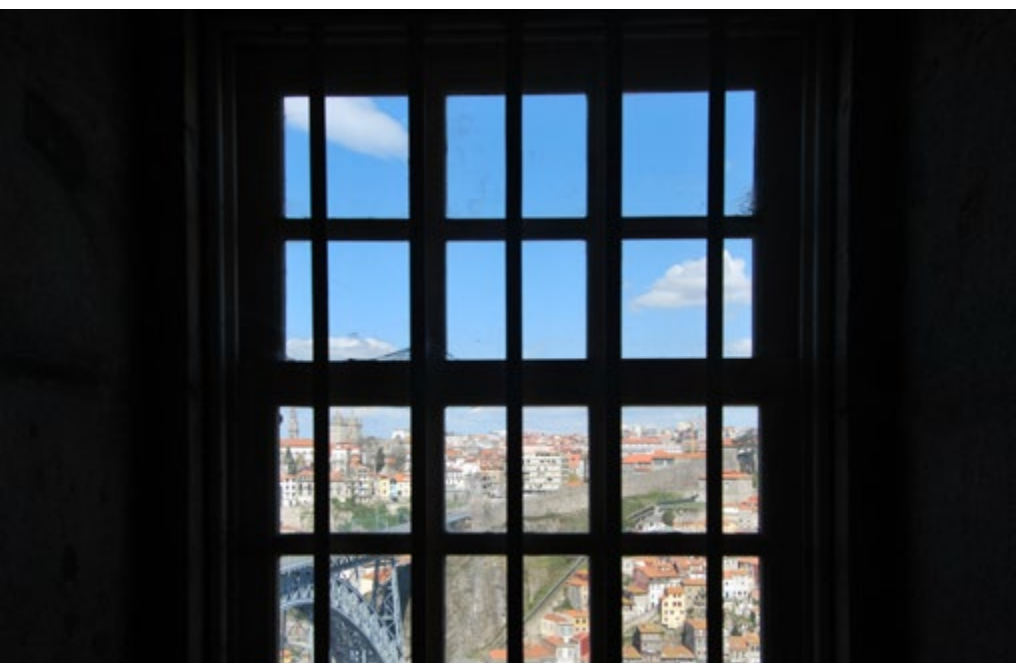
O período da educação e do estudo foi aumentado e timidamente alargou-se às mulheres. O ensino foi divulgado mais rapidamente e com mais qualidade, técnica e interdisciplinaridade. Assim começou a cultura do livro impresso, da reflexão sobre a Educação e também, da instrução por mentores a quem os alunos deviam fidelidade.

No entanto, a educação continuava confinada à classe mais nobre e a uma burguesia emergente.

A educação ganhou um novo alento e um novo rosto com o Renascimento, abrindo caminho para a reivindicação de que a época foi um dos alicerces do mundo moderno e pós-moderno. Estamos a honrar esse legado? Qual é o papel da Educação hoje?



Pormenor da cela



Pormenor da vista da cela

7. O MOSTEIRO E A CIDADE DO PORTO

Com uma vista única sobre o rio Douro e os seus centros urbanos circundantes, a cúpula do Mosteiro da Serra do Pilar não podia deixar de ser incluída neste itinerário. Não só por ser uma área do mosteiro especialmente bonita, que nos oferece a maior janela do mosteiro como “*imago mundi*”, mas também porque nos permite observar o património edificado em redor do Douro.

É o cenário perfeito para uma reflexão sobre a cidade durante o Renascimento. O progresso e as inovações feitas durante o período do Renascimento na indústria, transporte, comércio e banca, mudaram a paisagem urbana. Estas transformações serviram como uma força motriz para o progresso e inovação constante que acompanham a história da Europa. Aceleraram o ritmo da escrita – de manuscrita para a máquina e depois do papel para digital.

No interior das suas paredes, as artes e o artesanato foram aperfeiçoados, monumentos e serviços foram desenvolvidos e diálogos e intercâmbios aumentaram.

As cidades cresceram em tamanho e população. O dinamismo que começara a desenvolver-se nas cidades tornou-se uma característica das mesmas e, pela primeira vez, este dinamismo andava a par de uma atitude urbana e uma consciência da cidade como uma comunidade. O cosmopolitismo e o multiculturalismo tinham nascido. Hoje, não sabemos o que é viver sem eles. Aqui, na cúpula, sugerimos que faça uma pausa para sentir e refletir sobre os mesmos. Da janela do mundo, a vista também pode ser a sua própria rua.



Pormenor do zimbório

Balaustrada do zimbório



8. A NOVA DESIGNAÇÃO DO MOSTEIRO

Em 1599, o mosteiro teria um novo nome – Mosteiro de Santo Agostinho do Porto. De forma semelhante a outros mosteiros e igrejas na Europa, e mesmo nas Américas, começaram a descobrir e a promover este “Mundo Novo” que começara na Europa e que revelara novas possibilidades e culturas.

Embora a Europa estivesse a rumar para um novo humanismo e secularismo, a herança judaico-cristã, representada especialmente pela Igreja Romana, continuava a ter um papel importante, mas também uma linha renovada.

Mesmo com a Reforma Protestante, a Igreja Romana continuou durante muitos anos a proibir a tradução do texto sagrado para as chamadas línguas vernaculares. Paradoxalmente, contudo, rejeitava a doutrina da justificação pela fé como incompatível com a liberdade humana.

A instrução do clero também foi fortalecida e, assim, o clero tornou-se, mais do que nunca, mais consolidado teológica e moralmente.

Como aqui é a sacristia onde as vestimentas, os segredos e os objetos ligados à liturgia são conservados, consideramos este local apropriada para uma reflexão sobre o legado judaico-cristão. Muitas vezes associada a uma dimensão nebulosa, no entanto, quer por concordância ou discordância, criou alguns dos artistas mais inovadores e as obras de arte mais impressionantes da história europeia.

No que diz respeito à sacristia, a data de 1755 inscrita na porta de entrada, sugere que foi concluída por altura do terramoto de Lisboa. Por conseguinte, é possível identificá-la, em termos de estilo, com as obras do governo do Marquês de Pombal.



Portomenor da sacristia

Sacristia



9. A REFUNDAÇÃO DO MOSTEIRO COMO O MOSTEIRO DE SANTO AGOSTINHO

Fundada por D. Acúrcio de Santo Agostinho, a igreja passou por três fases de construção: entre 1597-1668, as fundações e as paredes da nave foram construídas; em 1669-72, a cúpula foi concluída e criado o lanternim; e finalmente em 1690-93, foi construído o retrocoro.

O edifício pode ser descrito como um cilindro de tijolos coberto por uma cúpula semiesférica com oito nichos principais talhados na espessura da parede para formarem as capelas. As proporções do edifício estão enraizadas nos parâmetros da Antiguidade Clássica – a sua altura total é igual ao diâmetro da planta da nave e a bissetriz deste diâmetro é marcada pelo anel na base da cúpula – que estabelece semelhanças com o Panteão de Constantino em Roma, também conhecido pela Igreja de Santa Maria Rotonda. O mosteiro também estabelece ligações com o claustro, idêntico ao seu diâmetro. Esta geometria circular dupla parece ter sido definida pela comunidade que fundou a igreja em 1597, mas é possível que tenha seguido o programa simbólico concebido na altura por Fr. Brás de Braga, na sua planta geral.

A imagem de St. Agostinho, o santo cujo nome é dado à ordem à qual a comunidade pertence, chama a nossa atenção para a cúpula e leva-nos a considerar a importância das suas ideias na Igreja Romana, mas também das ideias seculares no Renascimento.

De facto, uma das contradições mais evidentes do Renascimento foi a confluência entre o sagrado e o mais puramente profano, e entre o cristianismo e o Neoplatonismo do Renascimento.



Capela Mor



Igreja. Pormenor do guarda-voz do púlpito



Igreja. Cúpula

O itinerário do “Mosteiro da Serra do Pilar. Uma Janela sobre a Europa”, tal como os outros que fazem parte do Projeto RenEU, estão disponíveis através da app que poderá guiá-lo pelos diferentes sítios do itinerário. A App é gratuita e disponível para Android, iOS e Windows Phone. Basta descarregar a App em izi.TRAVEL da sua loja e pesquisar RenEU. Todos os conteúdos estão disponíveis em Inglês e no idioma local.

Descarregue a app gratuita em izi.TRAVEL



Todos os conteúdos do itinerário “Mosteiro da Serra do Pilar. Uma Janela sobre a Europa”, tal como os outros itinerários dos restantes países fazem parte do Projeto RenEU disponíveis no site <http://www.reneu.eu/>